

COMANDO MILITAR INDEPENDENTE

DO

ESTADO DA ÍNDIA

2ª REPARTIÇÃO

RELATÓRIO OPERACIONAL

Dezembro de 1961

COMANDO MILITAR INDEPENDENTE

DO

ESTADO DA ÍNDIA

2ª REPARTIÇÃO

RELATÓRIO OPERACIONAL

CAPÍTULO I

ACÇÕES ANTERIORES ÀS OPERAÇÕES

1 - FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO - GENERALIDADES

As notícias recebidas por esta Repartição provinham, de uma maneira geral, das seguintes origens;

- Agentes,
- Câmaras Municipais e Administrações de Concelhos,
- Polícia, Guarda Fiscal e Unidades Militares (Exército e Marinha),
- Imprensa e rádio nacionais e estrangeiras, em especial da U.I.,
- Serviços de Informações das restantes Províncias Europeias e Ultramarinas Portuguesas,

Muitas notícias nos chegaram também e algumas de bastante interesse, transmitidas por informadores ocasionais, indivíduos naturais de Goa, Damão ou Diu que, de moto-próprio, se nos dirigiam por contacto directo ou através dos respectivos Administradores de Concelho, para nos comunicarem notícias recolhidas através de correspondência recebida de familiares vivendo permanente ou temporariamente na U.I. ou por eles próprios observadas quando em transito pelo território daquele país.

As notícias, uma vez classificadas e se o seu interesse o parecesse justificar, eram remetidas imediatamente para a Repartição do Gabinete do Governo Geral, para o Secretariado Geral da Defesa Nacional (2ªRep.), para o Estado Maior do Exército, para a P.E.I. e G.Fiscal e para os comandos dos Agrupamentos a cuja zona o assunto interessasse directa ou indirectamente.

Em cada semana era elaborado um resumo com as notícias da Imprensa e da Rádio estrangeiras, em especial da U.I., que directa ou indirectamente nos dissessem respeito, o qual era enviado para a Rep. do Gabinete do Gov. Geral, Polícia do Estado da Índia, Comando Naval, Secretariado Geral da Defesa Nacional e Ministério do Exército.

Mensalmente era elaborado um PERINTREP, do qual constavam todos os acontecimentos internos e externos ocorridos durante o mês, que interessassem ao Estado da Índia e de que tivéssemos conhecimento. Este PERINTREP era enviado a todas as entidades anteriormente citadas e aos comandos de todas as Unidades Militares deste Estado, a fim de os manter a par dos acontecimentos que lhes podessem interessar.

2 - SITUAÇÃO EM FINS DE OUTUBRO

A possibilidade de uma próxima agressão armada contra os territórios do

Estado Português da Índia começou a esboçar-se quando, em 15 de Agosto de 1961, Nehru afirmou que chegaria o momento em que poderiam decidir enviar o exército a GOA. Por todo este mês e o de Setembro outras notícias foram recebidas, levando-nos a prevêr que de facto qualquer movimento nesse sentido se estaria esboçando.

Assim:

- O Ministro da Defesa da U.I., Krisna Menon, declarou que estavam em curso certas medidas relativas a GOA, cujo caracter não podia ser revelado;
- O General Choudury efectuara anteriormente uma conferência, em BOMBAIM, com alguns ~~india~~ ^{indian} leaders goeses, a fim de planear uma acção contra GOA;
- São levadas a efeito grandes manobras zero-navais, de COCHIM (a Sul de GOA) a BOMBAIM (a Norte de GOA), com intervenção das forças navais de COCHIM e de BOMBAIM e forças aéreas de POONA e COCHIM, tendo embarcado nos navios da esquadra, como observadores, oficiais do Exército e Ministros dos Estados contíguos à Índia Portuguesa;
- São igualmente realizados, durante uma semana, exercícios militares em POONA, com a assistência do General Choudury, Comandante Chefe do Comando Sul;
- As forças da policia do estado de MAHARASTRA (contiguo a GOA) recebem ordem para iniciar um treino militar intensivo;
- É estabelecido um campo de treino para jovens (terroristas e agitadores), sob a protecção do Governo Indiano, em BELGAO e outro em BINAGE, a fim de "catequizarem" as populações fronteirigas de GOA;
- Igualmente por esta época começaram a aparecer informações de avisos aos goeses, por parte de oficiais indianos, de que estava para breve um ataque a GOA, começando também então a notar-se um aumento de visitas a GOA por parte de goeses servindo no Exército indiano, principalmente oficiais;
- Por outro lado, a imprensa e a rádio da U.I. intensificava a sua politica de atroadas e falsidades a nosso respeito.

Foi portanto grande a expectativa da nossa parte quando do início da conferência afro-asiática para "a libertação dos territórios portugueses" organizada pelo "Conselho Indiano para África" e que teve lugar em NOVA DELHI e BOMBAIM de 20 a 24 de Outubro e na qual tomaram parte delegados dos territórios portugueses e de alguns países africanos, tendo o próprio Nehru assistido a algumas sessões.

Como é lógico, as atividades deste serviço de informações convergiram então sobre esta conferência, tentando conhecer quais os problemas aí tratados e as possíveis conclusões a que chegassem. O que se conseguiu apurar consta do PERINTREP elaborado com data de 31 de Outubro.

As principais conclusões a que chegaram, se algumas houve então, foram conservadas secretas, no entanto foi notório, sem que isso constituísse surpresa para nós, que os delegados dos países africanos que a ela assistiram procuraram influenciar o governo da U.I. no sentido de uma acção armada contra GOA visto que, "sendo uma acção fácil para a U.I., viria a terminar com o mito da inviolabilidade do território português".

3 - EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO

a - ACÇÕES NO MÊS DE NOVEMBRO

No mês de Novembro começaram a chegar ao nosso conhecimento notícias de várias origens segundo as quais a U.I. desejava criar um incidente que jus-

tificasse perante o Mundo uma intervenção das forças armadas indianas contra o nosso território. A forma provável seria a ocupação por "voluntários" de uma pequena parcela do nosso território, provavelmente DIU, ANGEDIVA ou TIRACOL, para que a reacção da nossa parte parecesse justificar aquela atitude. O dia provável para essa tentativa seria o dia 25 de Novembro, aniversário da reconquista de GOA.

O primeiro incidente, provavelmente não previsto pela U.I. mas logo por ela aproveitado, deu-se no dia 17, em ANGEDIVA. O navio de passageiros indiano "Sabarmati", ao passar em frente desta ilha, não respondeu aos pedidos de identificação que lhe foram dirigidos e um primeiro cabo da guarnição que aí tínhamos disparou um tiro de espingarda. As averiguações a que se mandou proceder concluíram que o tiro fora dado para o ar, no entanto logo os jornais e a rádio da U.I. protestaram afirmando que o tiro atingira um tripulante daquele navio e o próprio Nehru declarou que "considerava o caso extremamente grave e que seriam tomadas medidas drásticas para evitar a repetição de agressões idênticas.

Por outro lado, já uns dias antes desta data haviam sido assinalados em frente a DIU pequenos barcos, que pareciam armados e procuravam aproximar-se da costa em reconhecimento ou tentativa de provocação. Depois de disparados alguns tiros pela guarnição da ilha, quando já francamente em nossas águas territoriais, afastaram-se novamente.

Sob o pretexto do incidente de ANGEDIVA, a polícia indiana (S.R.P.) que guarnecia as fronteiras de GOA, DAMÃO e DIU, começou a ser reforçada antes do dia 25.

Como fora previsto, na noite de 25 para 26 de Novembro alguns pequenos barcos aproximaram-se de ANGEDIVA, sendo contra eles disparados alguns tiros. A imprensa da U.I. informou que haviam sido somente alguns pescadores que à ilha se dirigiam e que um deles, ferido numa perna, morreria pouco depois.

Muito embora a nossa guarnição, devido à escuridão da noite, não tenha podido identificar a categoria dos indivíduos que tentaram o desembarque, mesmo que de pescadores se tratassem o próprio facto de tentarem desembarcar precisamente naquela noite, em que se sabia que era esperada por nós qualquer acção contra ANGEDIVA, não se justifica senão como um gesto deliberado para provocar o pretexto desejado.

Na verdade, qualquer tentativa de desembarque, se esta era a intenção, fora repelida, mas a U.I. conseguiu um pretexto, que de forma alguma a nosso ver justifica uma agressão armada de represália, mas em que a U.I. se iria firmar para o grande deslocamento de forças armadas de terra, mar e ar, com que envolveu os pequenos territórios de GOA, DAMÃO e DIU

b - ACCÕES NA 1ª QUINZENA DE DEZEMBRO

Uma das primeiras notícias positivas sobre os efectivos prováveis que iam ser lançados contra os nossos territórios foi-nos enviada pelo Secretariado Geral da Defesa Nacional. Informava que a U.I. se preparava para deslocar para os territórios fronteiriços de GOA as forças da 17ª Divisão, aquartelada em AGRA e a 50ª Brigada de Paraquedistas de AMBALA.

Nos primeiros dias de Dezembro as nossas costas começaram a ser patrulhadas por navios de guerra indianos, fora das águas territoriais. As informações recebidas diziam tratar-se de seis unidades navais, com base

em KARWAR e outros dois portos da U.I., que se revezavam, dois a dois, nesse serviço.

Outra mensagem rádio do S.G.D.N. informou que as operações contra os três distritos do Estado Português da Índia seriam comandadas superiormente pelo General Choudury, "oficial cobarde, que não ataca de frente".

O Comandante da guarnição da ilha de ANGEDIVA informou ter visto uma pequena unidade, cujo efectivo não poudé precisar, efectuar um exercício de desembarque numa praia da U.I., em frente àquela ilha. Esta e outras notícias que nos vão chegando, aliadas ao conhecimento que tínhamos dos exercícios e manobras aero-navais realizados em Setembro e a que me refiro na página 2, nas quais parece ter tomado parte pelo menos um navio de transporte de tropas, levam-nos a ter de admitir como provável uma tentativa de desembarque nas nossas costas.

Por outro lado o facto de se saber que, entre as forças que iam ser enviadas contra GOA, se encontrava a 50ª Brigada de Paraquedistas levaram-nos a ter de prever igualmente a possibilidade de um lançamento de paraquedistas em qualquer ponto do nosso território.

Ainda nos primeiros dias de Dezembro nos chega também a notícia, vinda de várias origens, de que o trânsito de algumas das estradas que da U.I. conduzem a GOA e se encontravam a ser reparadas, fora reservado unicamente a viaturas militares. Igualmente se teve conhecimento, na mesma altura, da mobilização de grande número de vagões de Caminho de Ferro para transporte de tropas.

Entre cinco e oito de Dezembro começou-se a tomar conhecimento de grandes movimentos de tropas na direcção dos territórios fronteiriços de GOA, DAMÃO e DIU.

Cêrca do dia oito, haviam sido já localizados três fortes nucleos de tropas, de efectivo indeterminado: um, com carros de combate, na região a Norte de PERNEM, entre TIRACOL e SINQUIRVAL; o segundo a Leste de TINEM; e o terceiro, a Sul, entre KARWAR e MAZALI. Estes nucleos, ou melhor o primeiro, viste que dos outros dois poucas informações precisas se conseguiram, continuou a ser reforçado até principio da semana seguinte.

Já nesta data se avistavam permanentemente ao largo do porto de MORMUGÃO dois barcos de guerra indianos.

Igualmente por esta altura nos chegavam notícias de DAMÃO assinalando grande movimento de tropas, transportadas em C.F., na região de VAPI, SAMJAM e BEHAR e de DIU noticiavam concentrações militares proximo da costa, com numerosa artilharia.

Em 12 de Dezembro foi recebido um rádio do S.G.D.N. segundo o qual o ataque seria desencadeado no dia seguinte ou, "~~até~~" "no máximo, nunca depois de sexta-feira", dia 15. Estes dias passaram sem que o ataque se tivesse efectivado. No entanto, neste periodo, eram assinalados constantes movimentos de tropas junto à fronteira Norte e à do Sul de GOA, especialmente de madrugada, e tinha-se conhecimento pela própria imprensa da U.I. de grande actividade diplomática.

Por todo este periodo de tempo, do posto de POLÉM e dos postos da fronteira Norte, em especial TIRACOL, PATARDEU e SINQUIRVAL, nos chegam informações de pequenas violações do nosso território por parte de elementos armados vindos da U.I., com o intuito facilmente visível de provo-

car reacções da nossa parte que podessem ser apontadas como provocações intencionais das forças portuguesas perante os representantes das imprensas estrangeiras que se encontravam na U.I. Como essa intenção não fosse satisfeita, chegaram ao ponto de fazer penetrar em território português alguns elementos que daqui abriram fogo para o lado da U.I.. Não nos foi difícil calcular, como logo se comunicou ao S.G.D.N. e mais tarde foi comprovado por notícias publicadas pela imprensa da U.I., que se tratava unicamente de fazer acreditar a observadores estrangeiros - jornalistas - que ~~existiam~~ haviam sido as forças portuguesas quem abrira fogo contra eles.

Também então, aviões de combate indianos sobrevoavam diariamente os nossos territórios, tanto de GOA, como de DAMÃO e de DIU, em vãos de observação e reconhecimento; helicópteros conduzindo chefes militares observavam também os "teatros de operações".

c - FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO DURANTE ESTE PERÍODO

Logo que se começou a ter conhecimento da chegada à fronteira de GOA de unidades do exército indiano e foram referenciadas com permanência unidades navais indianas na costa, próximo das nossas águas territoriais, todas as forças armadas portuguesas do Estado da Índia entraram de prevenção.

A 2ª Repartição, já em grande actividade desde os meados de Novembro, passou a funcionar permanentemente, de dia e de noite, sendo constituídos três grupos de trabalho com um sargento e um cabo cada, que se revezavam à hora das refeições e de noite. Igualmente os dois oficiais da Repartição, chefe e adjunto, dividiram o serviço entre si de forma a encontrar-se permanentemente pelo menos um oficial na Repartição.

A partir do dia 14, como a situação se agravasse de momento a momento e o serviço fosse constante, tornou-se necessária a permanência dos dois oficiais e de dois grupos de trabalho na repartição, com pequenos intervalos para as refeições, preparados para, à primeira ordem, seguir para as posições que lhes fossem determinadas.

Se era de dia que se recebiam a maior parte das notícias, era de noite e principalmente nas primeiras horas da manhã que nos chegavam de todo o território as informações mais precisas sobre actos de terrorismo e movimentos do inimigo junto à fronteira.

Todas estas notícias, uma vez classificadas, eram enviadas às entidades mencionadas no nº 1 (pag. 1), passando a ser elaborado ainda, diariamente, um ou mais ISUM, que se enviavam ao Comando Naval e à Repartição do Gabinete do Governo Geral, donde eram extraídas as notícias a distribuir pelos delegados das imprensas nacional e estrangeira ali representadas.

As notícias obtidas durante esta fase e que nas páginas anteriores foram resumidas, constam das numerosas mensagens rádio que para o S.G.D.N. e M.E. foram enviadas na devida altura.

Como no dia 15 a situação se continuasse a agravar e estivesse eminente a agressão das forças armadas da U.I. contra os nossos territórios, pedi autorização ao Exº Chefe do E.M. para destruir todos os documentos arquivados na repartição que, pela sua natureza secreta ou confidencial e ainda por poderem prejudicar os agentes ou informadores ocasionais que nos haviam servido, se não podia correr o risco de deixar chegar às mãos do inimigo. Uma vez obtida essa autorização, foram destruídos pelo fogo todos os documentos arquivados na repartição, com excepção daqueles que,

por interessarem às operações futuras, teriam de ser conservados ainda e que, levados por nós para as posições no campo, só foram destruídos depois de terminadas as operações.

CAPÍTULO II

OPERAÇÕES INIMIGAS

1 - FORÇAS INIMIGAS

a - EFECTIVOS E COMPOSIÇÃO

Difícil é, com os elementos que nos foi possível colher, ter um conhecimento exacto dos efectivos empregados pela U.I. na sua agressão aos territórios de GOA, DAMÃO e DIU.

Os totais indicados pela imprensa da U.I. e os dados que nos foram possível obter de conversas com oficiais daquele país, variam entre 25.000 homens do Exército, apoiados por uns milhares de elementos da "State Reserve Police" (S.R.P.), por forças navais e pela força aérea e o número, que parece astronómico, de um total de 120.000 homens.

De preciso, unicamente se podem indicar as unidades das Forças Aérea, Naval e Terrestre que nos foi possível referenciar em território da Índia Portuguesa depois das operações concluídas.

Comandos

- Comandante em Chefe de todas as operações, o Major General Choudury;
- Comandante das Forças Aéreas, o Vice Marechal do Ar E. W. Pinto;
- Comandante das Forças Navais empenhadas na acção contra GOA, o Contra-Almirante B. S. Somon;
- Comandante das Forças Terrestres que invadiram GOA, o General K. Candeth;
- Comandante das Forças Terrestres que invadiram DAMÃO, o Tenente-Coronel Bhonslé;
- Comandante das Forças Terrestres que invadiram DIU, o Brigadeiro Jasant Sing.

Unidades Referenciadas

(1) - Força Aérea

- Helicópteros e aviões de reconhecimento;
- Aviões de caça;
- Aviões de caça-bombardeiro.

Foram referenciados aviões CAMBERRA, VAMPIRE e, possivelmente, MYSTERES.

(2) - Força Naval

Participaram directamente na acção as seguintes unidades navais:

Em GOA:

- Navio Chefe I.N.S. "MYSORE" sob o comando do Cap.Cameron;
- Fragata "TRISHUL";
- Outras três fragatas ou destróieres não identificados.

As duas primeiras unidades foram utilizadas inicialmente no bombardeamento e conquista da ilha de ANGEDIVA.

Em DAMÃO:

- Não tomou parte activa nas operações qualquer unidade naval.

Em DIU:

- Navio Chefe I, N. S. "DELHI".

Além destas, outras unidades navais foram utilizadas pela U.I. no patrulhamento e vigilância de toda a costa de GOA, DAMÃO e DIU.

(3) - Forças Terrestres

Em GOA:

Frente Norte

- 50ª Brigada de Paraquedistas ("50 Para Brigade") reforçada com unidades de Carros de Combate, Artilharia e possuindo numerosas viaturas anfíbias.
- Forças da polícia de efectivo desconhecido ("State Reserve Police").

Frente Leste

- 17ª Divisão de Infantaria, da qual foram identificadas as seguintes Brigadas:
 - 63ª Brigada de Infantaria ("Sikh Light Infantry Brigade") sob o comando do Brigadeiro Kulwant Singh.
 - 48ª Brigada de Infantaria ("48th Brigade Guards").
 -

Frente Sul

- Unidades motorizadas e mecanizadas de efectivo desconhecido.
- Forças da "S.R.P." de efectivo desconhecido.

Foram ainda referenciadas elementos das unidades em seguida indicadas, que se desconhece a qual das colunas pertenciam:

- "8th Cavalry";
 - "Machine Guner Regiment";
 - "Kumaon Regiment";
- e elementos de outras unidades não identificadas.

Em DAMÃO:

- 1ª Batalhão de Infantaria Ligeira Marata, reforçado com Artilharia, sob o comando do Ten.-Coronel J.S.Bhonslé.

Em DIU:

- 20ª Batalhão, reforçado com Artilharia e elementos de transmissões para terra-ar e terra-mar.

As Brigadas são a quatro batalhões, num total aproximado de 6.000 homens cada, pelo que não deverá estar muito errado o número de 24.000 homens para o total das forças do Exército que entraram em GOA, número a que se terá de juntar alguns milhares de homens da S.R.P. que, em cooperação com aqueles, penetraram ao longo de toda a fronteira.

b - MISSÕES

(1) - Força Aérea

Inicialmente:

- bombardeamento das pistas do aeroporto de DABOLIM e do posto rádio de BAMBOLIM;

Posteriormente:

- missões de reconhecimento e de ataque ao solo a pedido.

(2) - Força Naval

Inicialmente:

- bombardeamento, desembarque e ocupação da ilha de ANGEDI-VA pelo cruzador "MYSORE" e pela fragata "TRISHUL";
- ataque ao aviso "AFONSO DE ALBUQUERQUE", no porto de MORMUGÃO, a levar a efeito por estas duas unidades, coadjuvadas por mais três fragatas ou destróieres;
- bombardeamento da ilha de DIU pelo "cruzador DELHI", apoiando as operações de desembarque nesta ilha por parte de unidades do Exército.

Posteriormente:

- Patrulhamento e vigilância ao longo de toda a costa, em especial das entradas do porto de MORMUGÃO;
- provavelmente, apoiar pelo fogo o ataque terrestre à Península de MORMUGÃO;
- ignora-se se estava previsto algum desembarque nesta Península.

(3) - Forças Terrestres

Em GOA:

- Atacar com fortes efectivos nas direcções gerais: SAVANTVADI-PANGIM, a fim de se apoderar o mais rapidamente possível desta cidade e da ilha de GOA; e LONDA-Península de MORMUGÃO, como esforço principal, a fim de se apoderar desta Península.
- Lançar simultaneamente um terceiro ataque, de diversão, com efectivos menores, na direcção geral KARWAR-MORMUGÃO, não ultrapassando a região de CUNCOLIM.
- Procurar assim fixar as reduzidas forças portuguesas, envolve-las e isola-las.
- Reduzir ao máximo os riscos a correr pelas unidades atacantes, destruindo ou neutralizando as resistências encontradas pelo fogo de artilharia e bombardeamento aéreo, se necessário, aproveitando o absoluto domínio do ar e a enorme superioridade em artilharia de que dispunham.

- Na medida em que as forças portuguesas fossem sendo repelidas, fazer penetrar ao longo de toda a fronteira forças da S.R.P., quadruvadas ou não por elementos do exército, a fim de efectuar a limpeza e ocupação do território conquistado.

Em DAMÃO:

- Atacar na direcção geral CUNTA-DAMÃO (cidade), fixando simultaneamente pelo fogo todos os postos fronteiriços.
- Destruir ou neutralizar as resistências encontradas pelo fogo de artilharia e bombardeamento aéreo.

Em DIU:

- Iniciar o ataque por uma forte preparação de artilharia e bombardeamento aéreo e naval.
- Seguidamente efectuar o desembarque na ilha de unidades do exército transportadas, da costa, em barcas.

É lógico que, não nos sendo possível a consulta de ordens de operações inimigas, este estudo das missões gerais atribuídas não traduz instruções precisas de que tivéssemos conhecimento, mas unicamente se firmam no que nos foi dado observar pela forma como os ataques foram desencadeados e no pouco que, sobre o assunto, se conseguiu obter de informações dispersas conseguidas em conversa com oficiais da U.I. e de notícias da imprensa deste país.

c - RESERVA

Não foi possível colher qualquer informação sobre unidades conservadas como reserva em território da U.I.. Embora o ataque por Norte fosse efectuado pela Brigada de Paraquedistas, ignora-se se foi inicialmente mantida em reserva alguma das unidades desta Brigada para seu possível lançamento futuro em qualquer ponto do território de GOA, se necessário.

d - ARMAMENTO

Entre o armamento utilizado pelas forças terrestres atacantes foi identificado o seguinte:

- Revolver "SMITH";
- Espingardas e carabinas "ENFIELD";
- Pistolas-metralhadora "STERN";
- Dispositivo para lançamento de granadas "MILLS" nas espingardas - 2 por secção;
- Dispositivo para o lançamento de granadas anti-carro - 2 por secção (?);
- Alças telescópicas para "SNIPERS" nalgumas armas - 1 por secção (?);
- Metralhadoras ligeiras "BREN";
- Metralhadoras pesadas "BROWNING";
- Morteiros de 6, 8,1 e 10,1 cm.;
- Bazucas - 1 por secção (?);
- Canhões sem recuo de 10,6 cm., montados em jeep;
- Unidades de carros de combate;
- Unidades de artilharia (material de 8,8 e pesado);
- Numerosas viaturas anfíbias.

2 - OPERAÇÕES MILITARES EM GOA

a - PRELIMINARES

- O ataque foi precedido por um movimento de patrulhas de reconhecimento inimigas que penetraram no nosso território pela fronteira Norte na tarde do dia 16 de Dezembro, cerca das 22h00, e no dia 17, em especial nas regiões de SINQUIRVAL, MAULINGUEM, PATARDEU e FOQUIRPATÓ. Estas violações do território, que no dia 16 se limitaram aos antigos postos junto à fronteira que haviam já sido abandonados por as guarções terem sido mandadas recuar para posições mais facilmente defensáveis, atingiram no dia 17, cerca das 14h00, os postos de DOROMAROGO e MAULINGUEM B, tendo-se dado então os primeiros encontros com as forças portuguesas da P.E.I. que guarneciam este último posto.
- Na madrugada do dia 18 as forças inimigas invadem o território de GOA por Norte, Leste e Sul.

b - OPERAÇÕES LEVADAS A EFEITO NO DIA 18

Frente Norte

- Cerca das 02h00 forças inimigas atacam e destroem o posto de DOROMAROGO. Um Pel./E.Rec.1, imediatamente enviado em reconhecimento, encontra este posto ocupado já por forças inimigas, que retiram perante o seu ataque, tentando, sem sucesso, fazê-lo cair numa emboscada quando regressava à sua posição em ASSONORÁ.
- Pelas 04h00 o ataque principal é iniciado com uma forte preparação de artilharia sobre BICHOLIM e ASSONORÁ.
- Seguidamente a 50ª Brigada de Paraquedistas, reforçada, como se disse, por unidades de Carros de Combate e de Artilharia, utilizando numerosas viaturas anfíbias e apoiadas pela aviação, inicia a progressão atacando segundo os eixos

MAULINGUEM - BICHOLIM
e SINQUIRVAL - ASSONORÁ.

- Uma coluna - coluna A - com base num Batalhão reforçado, progride segundo o eixo

SINQUIRVAL - ASSONORÁ - MAPUÇÁ - BETIM (em frente a PANGIM).

Conterna ASSONORÁ, cujo pontão é destruído pelas nossas forças às 05h30, ameaçando assim cortar a retirada ao Pel./E.Rec.1 aí instalado e que, perante a ameaça, tem de abandonar a posição. Continua o ataque sobre MAPUÇÁ, que atinge por volta das 12h00.

Às 18h00 alcança BETIM e instala a Artilharia no alto de SALIGÃO e os carros de combate junto à margem do rio MANDÓVI, em posição que lhes permite bater PANGIM com as suas peças, aproveitando assim a vantagem que sabiam ter de as forças portuguesas instaladas na margem esquerda do rio não possuírem qualquer arma que lhes permitisse, aquela distância, causar dano às viaturas blindadas.

- Outra/ coluna - coluna B - com base no grosso da brigada, uma vez ocupada BICHOLIM, cuja ponte foi destruída pelas nossas forças cerca das 05h30, prossegue a sua progressão pelo eixo

BICHOLIM - PILIGÃO - TONCA - BANASTARIM

sobre PANGIM, alcançando PILIGÃO antes das 12h00.

Cerca das 15h00, após bombardear TONCA, parte da coluna inicia a travessia do rio, a nado e com as viaturas anfíbias, instalando-se nesta região prontos a prosseguir o ataque sobre PANGIM.

- Uma terceira coluna - coluna C - marcha por

BICHOLIM - SANQUELIM - USCÃO

a fim de, possivelmente, estabelecer ligação com a 17ª Divisão, vinda de Leste. Como o movimento desta Divisão se atrazou, são aqueles elementos da Brigada de Paraquedistas que, atravessando o CANDEAPAR, entram em PONDÁ às 15h00, marchando seguidamente sobre BANASTARIM.

- Em coordenação com o ataque a BICHOLIM, forças da S.R.F. apoiadas ou reforçadas por elementos do Exército atacaram, de madrugada, ao longo de toda a fronteira de PERNEM, não só como operação de limpeza e ocupação deste concelho, mas procurando também fixar ao Norte do rio XAPORÁ o Pel./E.Rec.1 aí instalado e impedir assim a sua reunião ao grosso do Esquadrão, em MAPUÇÁ, o que não conseguiram.

Frete Leste

- O ataque por Leste que, pelo volume das forças atacantes e pelas declarações que o próprio General Candoth fez na imprensa indiana, representava o esforço principal, foi caracterizado por um factor importante que o ataque por Norte não pretendeu assumir - o factor da "surpresa".

Na verdade a concentração de tropas a Norte e a Sul de GOA, nos dias que antecederam o ataque, era facilmente referenciada tanto pelas notícias prestadas por goeses que, vindos da U.I., verificavam a constante chegada de pessoal, material e viaturas, como pelo ruído das viaturas blindadas e o movimento de tropas junto à fronteira pelo pessoal dos nossos postos constantemente observados, não havendo por conseguinte qualquer preocupação em camuflar os preparativos de invasão por esses lados.

Pelo contrário, a primeira notícia recebida sobre a chegada de tropas a Leste nada nos dizia acerca da sua importância, efectivos aproximados, material, etc.. Informações por nós procuradas posteriormente a essa notícia não foram precisas e unicamente assinalavam um maior movimento de militares em povoações próximas da linha férrea de TINEM para LONDA.

Além destes elementos nenhuma outra informação nos chegou, não tendo sido assinalado nenhum movimento de forças militares junto à fronteira nos dias que antecederam imediatamente a invasão, nem qualquer tentativa de provocação ou as acções de patrulhas que antecederam a/ ofensiva da 50ª Brigada de Paraquedistas.

Só depois do anoitecer do dia 17 as forças da 17ª Divisão seguiram para as respectivas bases de ataque.

- Pouco depois das 05h00 do dia 18 os elementos avançados iniciaram a travessia da fronteira.

- Uma coluna - coluna D - progride pelo eixo

ONOMOD - MOLEM - DARBANDORÁ - PONDÁ.

com as primeiras unidades da coluna seguiam elementos de Sapadores e Pontoneiros, equipados com moderno material e preparados para permitir à Divisão a rápida transposição dos obstáculos criados pelas forças portuguesas. Não obstante isso, só depois das 15h00 esta coluna atinge o CANDEAPAR, 6 Km. a Leste de PONDÁ.

- Outra coluna - coluna E - progride até DARBANDORÁ pelo mesmo eixo, continuando a progressão para Sul, sobre SANVORDEM, onde se instala, preparada para continuar o ataque por QUEPÉM sobre MARGÃO e daí, em coordenação com a "coluna D", conquistar a Península de MORMUGÃO, último reduto defensivo português.

Frente Sul

- O ataque por Sul foi efectuado, como se disse, por forças motorizadas e mecanizadas de efectivo desconhecido e foi lançado com objectivo limitado, com o fim de fixar as forças portuguesas que se encontravam a Sul e evitar a concentração dos nossos reduzidos efectivos na Península de MORMUGÃO.

- Esta coluna - coluna F - progrediu pelo eixo

POLEM - ORDOFONDO - Vila de CHAURI - CUNCOLIM

passando em POLEM cêrca das 07h00 e atingindo ORDOFONDO, onde é detida por forças do E.Rec.4, com baixas. Forçado este a retirar pelo bombardeamento a que foi sujeito, a coluna continua a sua progressão, atingindo as proximidades de CUNCOLIM, onde terminou o seu avanço, retirando posteriormente um pouco mais para Sul.

Outras Operações

- Em cooperação e complemento dos ataques efectuados pelas forças terrestres que penetraram em GOA, foram executadas pelas forças navais e aéreas mais as seguintes operações planeadas:
- As 06h30 do dia 18 o cruzador "MYSORE" e a fragata "TRISHUL" bombardearam a ilha de ANGEDIVA, onde desembarcam tropas que a ocupam após terem sofrido algumas baixas.
- Entre as 07h00 e as 08h00 do mesmo dia, uma esquadrilha de bombardeiros CAMBERRA ataca o aeroporto de DABOLIM, bombardeando as pistas de uma altura aproximada de uns 3.000 m., altura muito superior ao alcance das peças de 4 cm que tentavam proteger esse aeroporto.
- Pela mesma hora, aviões de combate a jacto bombardeiam a estação rádio de BAMBOLIM, que inutilizam.
- Pouco antes das 12h00 é iniciado o ataque ao aviso AFONSO DE ALBUQUERQUE, que se encontrava no porto de MORMUGÃO, por um cruzador e quatro fragatas, impedindo-lhe a saída do porto. O aviso português conseguiu resistir por algum tempo, tendo atingido com seus tiros uma fragata inimiga, que abandonou o combate, mas a grande desproporção de forças com que lutava acabou por o vencer, sendo obrigada a render-se por volta das 13h00.

Com a perda do AFONSO DE ALBUQUERQUE acabava para as forças portu-

sas a última possibilidade de ligação com o exterior.

Resumo da Situação das Forças Inimigas em 181900

- A Norte a 50ª Brigada Paraquedista reforçada ocupa a margem direita do rio MANDÓVI, com posições em BETIM, PILIGÃO e TONCA, preparada para iniciar o bombardeamento de PANGIM com a aviação, artilharia e os canhões dos carros de combate instalados em BETIM e lançar seguidamente o ataque por Leste e Norte sobre a ilha de GOA.
 - No centro a 17ª Divisão ocupa as regiões de PONDÁ e SANVORDEM, preparando a travessia do rio ZUARI em BORIM e SANVORDEM.
 - A Sul a "coluna F" havia retirado para uma região a Sul de CUNCOLIM, onde se instalara.
 - O absoluto domínio aéreo e naval completava o cerco das forças portuguesas.
- c - OPERAÇÕES LEVADAS A EFEITO NO DIA 19

Frente Norte

- Ao anoitecer do dia 18, por volta das 18h00, as forças portuguesas que defendiam PANGIM podiram a rendição. O conhecimento deste facto consumado obriga o Quartel General português, assim isolado na ilha de GOA, a atravessar o ZUARI nas primeiras horas da madrugada, indo reunir-se às forças que defendem a Península de MORMUGÃO. A resistência portuguesa encontrava-se assim reduzida aquela Península.
- Cêrca das 08h00 os primeiros elementos da 50ª Brigada, apoiados pela aviação, iniciaram a travessia do rio MANDÓVI, partindo de BETIM e ocupam PANGIM e, seguidamente, toda a ilha de GOA.

Frente Leste

- Durante a noite de 18 para 19 algumas ameaças são feitas, através da "All India Radio", de que a cidade de VASCO DA GAMA seria destruída às 07h00 desse dia se a resistência continuasse; procuravam assim levar o pequeno núcleo português a render-se, sem conseguirem o efeito desejado.
- Pouco antes das 11h00 do dia 19 a "coluna D" inicia a travessia do rio ZUARI, em BORIM, cuja ponte fora destruída. Para esta travessia foram-lhe postas à disposição barcaças de minério pela firma "Chowgulé", que na margem esquerda igualmente disposera as suas camionetas para o transporte das forças invasoras. Efectuada a travessia, a coluna progride sobre MARGÃO.
- A "coluna E", da qual fazia parte a maior parte da artilharia e carros de combate da Divisão, atravessa igualmente nessa manhã o ZUARI, em SANVORDEM e progride por QUEPIM para MARGÃO.
- Desde as primeiras horas da manhã que os aviões indianos sobrevoam livremente as posições portuguesas, em reconhecimento.
- Unidades navais fecham o porto de MORMUGÃO.

- Estava assim preparado o ataque final ao reduzido núcleo português, o qual deveria ser iniciado por um intenso bombardeamento a levar a efeito por todos os elementos disponíveis: aviação, artilharia naval e artilharia da 17ª Divisão.
- Depois da rendição final unidades da 17ª Divisão, saídas de MARGÃO, avançam para VASCO DA GAMA onde chegam cerca das 17h00.
- Desde as primeiras horas da manhã do dia 19 que colunas apeadas do Exército e da S.R.P. haviam entrado por Sul e S.E., iniciando as operações de limpeza e ocupação de território conquistado, como já fora feito também nos concelhos do Norte ocupados pela 50ª Brigada.

3 - OPERAÇÕES MILITARES EM DAMÃO E DIU

Com o bombardeamento do posto rádio de BAMBOLIM e a rendição do aviso AFONSO DE ALBUQUERQUE, ambas ocorridas no dia 18, todas as comunicações de GOA com DAMÃO e DIU se tornaram impossíveis, pelo que, durante as operações, nada mais se soube acerca dos acontecimentos ali ocorridos, com excepção de uma comunicação de DIU, recebida na madrugada do dia 18, informando que fora iniciado o ataque àquele distrito.

A forma como estas operações decorreram constam dos relatórios dos Ex^{ts}. Governadores dos distritos, que comandaram as respectivas forças defensivas.

4 - CONCLUSÕES

Os comandos inimigos tinham perfeito conhecimento da grande inferioridade numérica das nossas forças, sua constituição, posições ocupadas e, provavelmente, do próprio plano defensivo, pelo menos na sua forma geral. Isto não é de admirar se notarmos que do exército indiano faziam parte numerosos oficiais e sargentos goeses, alguns dos quais visitaram o nosso território nos meses que antecederam o ataque e cujas famílias aqui viviam. Por outro lado, no nosso exército existiam numerosos sargentos goeses, inclusive no próprio Q.G., entre os quais poderia existir, e certamente assim aconteceu, alguns elementos traidores que, não obstante todas as medidas de segurança que eram tomadas, algumas informações conseguiam obter e facilmente as transmitiam para a U.I..

Parece comprovar este facto, por exemplo, o ter a aviação indiana bombardeado a grande altura o aeroporto de DABOLIM, onde se encontrava o único pelotão anti-aéreo que possuíamos, já não tendo adoptado o mesmo cuidado em BAMBOLIM.

Por outro lado a superioridade das forças empregadas pelo inimigo no ataque, em todas as frentes, era exageradamente esmagadora. Assim, as forças que atacaram GOA podiam contar com:

- Absoluto domínio aéreo, contra o qual se não podia opor sequer a ineficaz ameaça de armas antiaéreas, com excepção do pelotão instalado no aeroporto, em que anteriormente se falou.
- Esmagadora superioridade naval e, uma vez vencido o aviso AFONSO DE ALBUQUERQUE, nenhuma arma mais dispunhamos que nos permitisse dificultar os movimentos da esquadra indiana ou opor-se ao tiro das suas peças.
- Esmagadora superioridade em terra, tanto em efectivos - que pode ser calculada em 1 para 10, senão superior - como em meios, visto disporem de:

- unidades de carros de combate, contra os quais apenas podíamos operar alguns PIAT;
- numerosa artilharia ligeira e pesada em todas as colunas de ataque, a opor-se a duas baterias portuguesas;
- unidades de Infantaria com armamento moderno e em abundância, como canhões sem recuo, 1 bazooça por secção, etc...;

isto para não falar em outro material em que a sua superioridade era igualmente manifesta, como transmissões, pontoneiros, meios anfíbios, etc.

Pela forma como foram lançados os ataques, efectivos empregados e algumas informações obtidas em conversa com oficiais do exército indiano, parece podermos concluir, sobre a maneira como a U.I. procurou levar a efeito a conquista de GOA, o seguinte:

- Não permitir qualquer possibilidade de fracasso, mesmo momentâneo, atacando em todas as direcções e ao mesmo tempo com uma exagerada e esmagadora superioridade.
- Conseguir vencer as forças portuguesas num mínimo de tempo possível.
- Evitar às suas forças riscos desnecessários, procurando vencer as resistências encontradas pelo fogo a distância da sua artilharia e, se necessário, da sua aviação.
- Evitar, se possível, massacres desnecessários, muito em especial da população goesa, que podessem colocar contra a U.I. a opinião pública mundial, muito embora estivessem prontos a sacrificar este princípio se tal fosse necessário para uma vitória rápida.

CAPÍTULO III

FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO DURANTE AS OPERAÇÕES

Dia 18 de Dezembro

Às 02h00 do dia 18, recebi uma comunicação telefónica do Comandante do E.Rec. 1, que se deslocara a ASSONORÁ, informando de ataque das forças inimigas ao posto de DOROMAROGO e de que, não tendo ligação com este posto, enviara parte do pelotão que ocupava ASSONORA para reconhecer a situação. Informei imediatamente do facto o Ex^o Chefe do E.M. que me mandou manter quanto possível a ligação com aquele Comandante de Esquadrão, ligação que foi dificultada por qualquer deficiência na central telefónica de MAPUÇÁ.

Às 04h00 o Comandante do E.Rec.2 informa de BICHOLIM que se encontra sob intenso fogo de artilharia do inimigo.

Pela mesma hora o Comandante do E.Rec.1 comunica que os elementos que enviara em reconhecimento a DOROMAROGO haviam regressado,

Cerca das 05h30 o Comandante do E.Rec.1 volta a informar que carros de combate in. se aproximam da sua posição de ASSONORÁ e pede autorização para destruir o pontão da estrada que do Norte e de BICHOLIM conduz a essa povoação. Pouco depois comunica que a sua posição está a ser envolvida pelas forças in., que lhe ameaçam cortar a retirada, pelo que se vai deslocar para MAPUÇÁ.

As 06h30 informam de ANGEDIVA que dois barcos de guerra estavam fazendo fogo com a sua artilharia por cima da ilha. Foi a última comunicação que daí recebemos, não voltando a ser possível qualquer ligação com a ilha.

A medida que estas notícias chegavam eram elaboradas as respectivas mensagens para serem transmitidas por rádio para o Secretariado Geral da Defesa Nacional e para o Ministério do Exército a fim de procurar manter o Governo Central a par dos acontecimentos.

Cerca das 07h00 a aviação inimiga iniciou o bombardeamento do aéroport de BABOLIM e da estação rádio de BAMBOLIM. Ainda se tentou informar o S.G.D.N. do facto, mas esta estação fere inutilizada portando-nos a ligação com o exterior por seu intermédio. Deste momento em diante ainda se procurou enviar algumas mensagens através do Comando Naval, mas como só dispunham do posto rádio do aviso AFONSO DE ALBUQUERQUE, era pouco para garantir as necessidades constantes de ligação do Comando Militar e do Comando Naval. Com a perda deste navio terminou toda a possibilidade de ligação com o exterior.

Pouco depois das 08h00 recebi ordem para me deslocar com parte do pessoal da repartição - Cap.Guedes, 1 sargento e 2 cabos - e o material respectivo para a posição de Q.G. em AGAÇAIM. Deveria assim deixar no Q.G. recuado 2 sargentos e 1 cabo, pelo que determinei que ficassem os sargentos e o cabo naturais. No entanto o 2^o sargento Alvim mostrou interesse em acompanhar o pessoal da repartição para as posições no campo, ao que acedi com autorização superior, pelo que a 2^a Repartição do P.C. ficou constituída pelos seguintes elementos:

- oficiais ----- 2 (chefe e adjunto da repartição)
- sargentos ----- 2
- cabos ----- 2
- soldado ----- 1 (condutor da viatura)

Do Q.G. recuado ficaram fazendo parte os seguintes elementos da repartição:

- sargento ----- 1 (natural)
- cabo ----- 1 (natural).

O deslocamento do Q.G. de PANGIM para AGAÇAIM foi feito por infiltração. Ao chegar e por verificar que o espaço confinado por uma vedação de arame farpado existente seria demasiado diminuto para todo o Q.G., informei do caso o Ex^o Major Mates Correia, que chegou poucos minutos depois. Como ele se tivesse de deslocar novamente a PANGIM, encarreguei-me, com a sua concordância, de fazer cortar o arame farpado e, auxiliado pelos Srs. Capitães Maia e Guedes, adjuntos da 3^a e 2^a Repartições respectivamente, passei a dirigir os trabalhos de dispersão e camuflagem dos elementos do Q.G. que foram chegando, instalando em local provisório e em conjunto o material da 2^a e 3^a repartições necessário para o trabalho imediato.

O único meio de transmissões de que dispunhamos, além de estafetas, era o posto rádio que o capitão Lima, Chefe do Serviço de Transmissões, fizera deslocar para a posição. O posto em si encontrava-se em boas condições de funcionamento, já o mesmo não acontecendo com o motor da viatura que só muito dificilmente se conseguia pôr a trabalhar, resultando daqui um consumo excessivo das baterias que punha em perigo a ligação. Por esse motivo o Cap. Lima pediu-me para se deslocar a PONDÁ a fim de tentar arranjar baterias de reserva, o que autorizei.

Mantive-me junto deste posto, tomando conhecimento das mensagens recebidas, até à chegada do Ex^o Chefe do E.M. a quem informei da situação. A partir deste momento e enquanto as ligações rádio foram possíveis, o Ex^o Chefe do E.M. passou a controlar directa e pessoalmente as mensagens recebidas e expedidas.

À noitecer, cerca das 20h00, tomou-se conhecimento pela rádio de que PANGIM se havia rendido. Então o Ex^o Chefe do E.M. reuniu os oficiais do Q.G. a quem expoz a situação, acrescentando que havia solicitado ordens de Sua Ex^a e General sobre a ida do Q.G. para a nova posição na Península de MORMUGÃO.

Sendo-lhe pedidas instruções sobre a resistência a opor a um possível ataque inimigo, o Ex^o Chefe do E.M. respondeu que "combateríamos até ao completo consumo das e dos víveres", pedindo aos oficiais que não tinham comando de tropas para, em tal caso, se agarrarem também às metralhadoras para apoiarem moralmente todo o pessoal.

Próximo das 22h00, os sargentos da minha repartição informaram-me de que algumas praças da C.C.S. se preparavam para fugir para PANGIM, que julgavam já ocupada pelo inimigo. Acorri imediatamente ao local, onde sensurei essas praças, mostrando-lhes a cobardia do acto que tentavam praticar, tendo-as elas prontamente obedecido e regressando às suas posições, já então desfalecidas pela fuga de alguns soldados naturais que, aproveitando-se da escuridão, haviam desaparecido. Informei logo do facto o Comandante da C.C.S. e o Ex^o Chefe do E.M..

Perto da meia-noite o Ex^o Chefe do E.M. tornou a reunir os oficiais e sargentos para informar que, por ordem do Sua Ex^a o General, o Q.G. ia atravessar o rio ZUARI e ocupar uma nova posição no cruzamento da estrada para DABOLIM, dando-nos em seguida as suas instruções para o deslocamento,

Dia 19 de Dezembro

Uma vez atravessado o rio, dirigi-me com o pessoal da repartição para a nova zona de reunião do Q.G.. Verificando aí que o local que se dispunha para abrigar as viaturas da observação aérea inimiga não permitia a conveniente dispersão, tanto mais que já lá se encontravam algumas viaturas de Engenharia, duas das quais com explosivos, dirigi-me com o meu pessoal para uma zona coberta na encosta a Oeste da estrada para DABOLIM, onde lhes dei ordem para procurarem descansar, até que, com o alvorecer, melhor se definisse a situação.

Algun tempo depois fui alertado por grande movimento de viaturas. O Capitão Guedes chamou-me a atenção para o facto, mas sabendo nós que não era de prever por então qualquer novo deslocamento do Q.G., pensei tratar-se de viaturas que se tivessem atrozado.

Um pouco mais tarde ouvi o condutor da nossa viatura de transporte do pessoal chamar por nós. Tendo respondido, informou-nos de que parte do pessoal do Q.G. havia retirado. Prontamente nos dirigimos para o local das viaturas, onde encontrei o Capitão veterinário Caio Falcão e o Ex^o Major Pinheiro, a quem perguntei o que se passava.

Ambos me disseram não saberem bem. Havia sido ouvida uma comunicação da "All India Radio" ameaçando de que, se nos não rendessemos, VASCO DA GAMA seria completamente destruída às 07h00 dessa manhã; uma parte dos elementos do Q.G. havia partido em direcção a CORTALIM e os restantes seguiram para o P.C. avançado, à entrada daquela cidade.

Dirigimo-nos então a este P.C. a fim de verificar se teria havido novas ordens. Aí encontrei o Cap. Sirgado Maia que me disse também não saber o que motivara todo aquele movimento e que, tendo acabado de pedir ordens, lhe fora dito por Sua Ex^a o General para regressar às posições que nos haviam sido marcadas. Falei então com Sua Ex^a o Brigadeiro Comandante Militar e tanto ele como Sua Ex^a o General me confirmaram as ordens que haviam sido dadas ao Cap. Maia, pelo que regressamos à posição de DABOLIM, acompanhados do restante pessoal do Q.G. que ali se dirigira também.

Uma vez aqui, deparamos com cerca de vinte praças isoladas, que conosco levamos. Procurei então, auxiliado pelos restantes oficiais do Q.G. que ali se encontravam - Maj. Médico Pinho de Carvalho, Capitão Sirgado Maia, Capitão Guedes, Capitão Veterinário Caio Falcão e alferes Marques Pinto - a posição que melhores condições oferecesse, afastando-nos das duas viaturas com explosivos que ali se encontravam e não nos foi possível remover. Resolvemos assim voltar para o local na encosta que anteriormente ocupara com o pessoal da minha repartição e que, se nos não oferecia protecção conveniente dos fogos vindos da frente, porque a natureza do terreno não permitia a preparação de abrigos com os meios de que dispunhamos então, nos abrigava pelo menos das vistas aéreas inimigas. O Ex^o Major Pinheiro, Chefe do Serviço de Intendência, com o pessoal que lhe restava, instalou-se no vale, em local onde mais facilmente podiam funcionar as cozinhas.

Pouco depois chegou o Ex^o Chefe do E.M., a quem me apresentei, informando da posição que ocupávamos e do pessoal que comigo se encontrava.

Pelas 09h00 compareceu Sua Ex^a o General, a quem igualmente me apresentei e informei dos factos ocorridos.

Cerca das 14h00 chegou o Ex^o Major Mates Correia, transmitindo ao Ex^o Chefe do E.M. a ordem de recolher o pessoal aos Estaleiros Navais, em VASCO DA GAMA e aguardar aí a rendição.

O pessoal da 2^a Repartição que comigo saíra de PANGIM manteve-se sempre junto, não tendo havido qualquer baixa por ferimento ou deserção. Internados no campo de Alparqueiros aí aguardaram a repatriação.

O 2^o Sargento natural, Datarama, que ficara no Q.G. recuado, uma vez rendida PANGIM, desapareceu tendo, segundo me consta, seguido para outra cidade de GOA; não manteve a sua posição de militar português, mas nada me leva a supor que nos tivesse atraído até esse momento. O 1^o Cabo natural, que igualmente ficara no Q.G. recuado, recolheu ao campo de Alparqueiros nos princípios de Maio e informou que, tendo sido mandado recolher a casa pelas autoridades indianas, quando da ocupação de PANGIM, havia aproveitado essa ordem para casar e regular os seus assuntos pessoais, desejando seguir com a família para Portugal, o que conseguiu. Não tenho quaisquer elementos mais que me permitam julgar do procedimento destas duas praças da repartição.

Lisboa, 18 de Junho de 1962

O Chefe da Repartição

Francisco José Falcão e Silva Ramos

Cap. de Cav^a

ÍNDICE

CAPÍTULO I - ACÇÕES ANTERIORES ÀS OPERAÇÕES

1 - FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO - GENERALIDADES	pag. 1
2 - SITUAÇÃO EM FINS DE OUTUBRO	" 1
3 - EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO	
a - ACÇÕES NO MÊS DE NOVEMBRO	" 2
b - ACÇÕES NA PRIMEIRA QUINZENA DE DEZEMBRO	" 3
c - FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO DURANTE ESTE PERÍODO	" 5

CAPÍTULO II - OPERAÇÕES INIMIGAS

1 - FORÇAS INIMIGAS	
a - EFFECTIVOS E COMPOSIÇÃO	" 6
b - MISSÕES	" 8
c - RESERVA	" 9
d - ARMAMENTO	" 9
2 - OPERAÇÕES MILITARES EM GOA	
a - PRELIMINARES	" 10
b - OPERAÇÕES LEVADAS A EFEITO NO DIA 18	" 10
c - OPERAÇÕES LEVADAS A EFEITO NO DIA 19	" 13
3 - OPERAÇÕES MILITARES EM DAMÃO E DIU	" 14
4 - CONCLUSÕES	" 14

CAPÍTULO III - FUNCIONAMENTO DA REPARTIÇÃO DURANTE AS OPERAÇÕES

	" 16
--	------